

RELACIONANDO EDUCAÇÃO E GÊNERO: LACUNAS E DESAFIOS NA ANÁLISE DA PRÁTICA DOCENTE EM “PROFESSORA SIM, TIA NÃO: CARTAS A QUEM OUSA ENSINAR”

Claudia Pereira Vianna*

Freire, Paulo. São Paulo, Olho d’Água, 1994.

Professora sim, tia não é mais uma das muitas contribuições de Paulo Freire para aqueles que se preocupam com a construção de uma escola “democrática, progressista, alegre, capaz”. Centrado na prática docente, destaca temas que pautam o cotidiano da professora: a armadilha ideológica contida na redução da professora à condição de tia; o processo de aprender-ensinar que envolve educadora e educando; o exercício da leitura-escrita do texto, das relações no interior da escola e da vida social; o resgate dos sentimentos, da sexualidade, do medo, dos desejos, do mútuo respeito na interação com os educandos; a relação entre teoria e prática na construção do conhecimento; a luta por melhores condições de trabalho, salário e qualidade do ensino e o exercício da cidadania. Dentre estas tantas questões optei por destacar aquela que motiva o próprio título e vem explicitada no primeiro capítulo: professora não é tia. Os motivos desta escolha referem-se, de um lado, à especificidade da coletânea na qual esta resenha se insere: a relação entre gênero e educação. Por outro, à prioridade estabelecida pelo próprio autor que, com base em uma concepção do ser professora que se opõe à de tia, passa a analisar os demais assuntos do livro.

Merece destaque inicial sua tentativa de incorporar o recorte de gênero na análise da prática da professora. A maior parte dos estudos sobre educação tem se esquivado desta ótica, minimizando, em suas pesquisas, a presença massiva das mulheres nesta profissão.¹

* Faculdade de Educação da USP.

1. Alguns estudos têm constatado esta presença, entre eles: Mello (1981); Bruschini, Amado (1988); Novaes (1991); Rosemberg, Amado (1992).

Apesar disso, a análise realizada por Paulo Freire pouco explora as possíveis implicações de gênero na construção da identidade da educadora. A única referência mais específica ressalta somente os aspectos negativos da relação entre ser mulher e ser professora. Nesse sentido, o autor aproxima-se de outros estudos que também enfatizam a visão negativa da professora ao incorporarem o gênero no exame da prática docente (Novaes, 1984; Mello, 1987).

É com essa conotação pejorativa que nega à educadora a condição de tia. Para ele, esta condição está exclusivamente associada à postura de subordinação e submissão. Ser tia é ser dócil, acomodada, portadora de missão incompatível com a rebeldia, com o questionamento e a luta político-sindical: “aceitar a identificação não traduz nenhuma valoração à *tia*. Significa, pelo contrário, retirar algo fundamental à *professora*: sua responsabilidade profissional de que faz parte a exigência política por sua formação permanente.” (p.11, grifos do autor). Trata-se de uma “*inocente* armadilha ideológica em que, tentando-se dar a ilusão de *adocicar* a vida da professora o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta ou entretê-la no exercício das tarefas fundamentais” (p.25, grifos do autor).

No entanto, a ótica de gênero não se esgota na explicitação da armadilha ideológica que a associação tia-professora contém. Nesse sentido, o trabalho exclui questões importantes. Como a identidade feminina marca a ação das professoras, na sala de aula, na escola, no sindicato? Como as professoras assumem, enquanto mulheres, a desvalorização social a que sua profissão está submetida? Como se dão as relações entre homens e mulheres nas instâncias educacionais?

O aprofundamento desta temática colocaria para o autor um desafio: a reflexão sobre a associação tia-professora a partir das contradições que as relações sociais de gênero expressam. Não se trata de excluir a referência à armadilha ideológica, uma vez que o Estado utiliza-se, muitas vezes, do discurso do afeto e da subordinação das professoras para desencorajá-las quanto ao engajamento sindical e aos movimentos grevistas. Todavia, a redução da professora à condição de tia supõe um modelo profissional que absolutiza a dimensão alienante e submissa. Este modelo é tão parcial quanto aquele que se restringe à postura racional e engajada.

A aproximação entre o papel da tia e/ou mãe ao da professora revela formas femininas de relacionamento e de organização do trabalho: o improvisado, a troca constante de funções, a atenção dispersa por várias tarefas (Rosemberg e Amado, 1992). Expressas também na conotação de tia, elas informam o exercício da docência e não significam, necessariamente, a subordinação, a incompetência, a alienação ou a ausência de compromisso profissional.

Assim, a socialização recebida pelas mulheres interfere em seu exercício profissional, no caso o magistério. A escola é marcada pelas relações sociais de gênero, particularmente no que se refere à imbricação entre trabalho doméstico, maternagem e trabalho das educadoras. E esta marca não é exclusivamente prejudicial. Ao contrário, contém as contradições que a própria condição social da mulher expressa.